

Embates entre ciência e religião em uma escola

Struggles between science and religion in a school

Graciela Bernardi Horn

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
gracihorn@gmail.com

Rochele de Quadros Loguercio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rochelel@gmail.com

Resumo

O trabalho que aqui apresentamos investigou o modo como o currículo de uma escola pública do campo, de ensino fundamental, produz e organiza uma subjetividade escolar. A escola se encontra em uma pequena e isolada localidade rural no litoral do Rio Grande do Sul. Foram realizadas visitas regulares à escola por seis meses ao longo de 2017, em um estudo de cunho etnográfico. Como *bricoleurs*, colecionamos registros (fotografias, caderno de campo, entrevistas, imersão no campo de estudo), cujo conjunto de elementos constitui o currículo escolar. Com olhar foucaultiano, vimos o modo como o currículo é construído num embate entre os balizamentos morais religiosos e os científicos. O que vimos foi que a verdade legitimada é aquela que passa sob o crivo da moral cristã, para que, assim, o corpo escolar exercite a construção de um modo de julgar, classificar, nomear, hierarquizar as informações do mundo balizadas por valores religiosos.

Palavras chave: religião, ciência, subjetividade, currículo, escola.

Abstract

The work we present here investigated to investigate how the curriculum of a public school in the countryside, of elementary education, produces and organizes school subjectivity. The school is located in a small and isolated rural location in Rio Grande do Sul. We made regular visits to the school were carried out for six months throughout 2017, in an ethnographic study. As *bricoleurs*, we collect records (photography, field notebooks, interviews, immersion in the field), whose set of elements constitutes the school curriculum. With a foucaultian look, we saw the way the curriculum is constructed in a clash between religious and scientific moral guidelines. What we saw was that the legitimated truth is the one that passes under the sieve of Christian morals, so that, in this way, the school body exercises the construction of a way of judging, classifying, naming, hierarchizing the information of the world based on religious values.

Key words: device, christianity, subjectivity, curriculum, school.

Campos de disputa

O trabalho que aqui apresentamos é derivado da tese de doutorado intitulada “O *dispositivo moralitúrgico* em uma escola pública brasileira”¹, em que focamos o olhar sobre o modo como o currículo escolar se constitui no embate entre os balizamentos morais religiosos e os científicos. No decorrer da pesquisa, o que nos capturou a atenção foi que a instituição analisada mostra os conhecimentos tradicionalmente abordados pelas disciplinas misturados a elementos religiosos, cujos efeitos produzem e organizam uma determinada forma (ou fôrma) de existência do corpo escolar. Sob perspectiva pós-estruturalista, entendemos que, historicamente, os limites entre os modos científicos e os religiosos de ver, falar e entender o mundo ora se afastam, ora se aproximam e, nesse jogo, o embate travado captura sujeitos a falarem em nome de um desses dois campos, que disputam pela legitimidade de fala por tudo aquilo que deve ser entendido como verdade.

Esses dois campos de disputa têm distintos modos de abordar os conteúdos de ciências, matemática, geografia, história etc.: uma abordagem fundamentada na experimentação, investigação, objetividade e testagem de hipóteses, ou, em contraste, uma abordagem religiosa. A racionalidade religiosa, assim como a científica, também cria códigos e linguagem partilhados com adeptos, mas opera sob lógica distinta, uma vez que recorre a crenças ao transcendental para a ascese individual. Assim, olhando para o contraponto entre esses dois campos de saber, ponderamos que é importante pensar no modo como o currículo escolar é formado e formador.

Com olhar foucaultiano, analisamos o currículo dessa escola, que não ignora totalmente assuntos corriqueiramente abordados em livros didáticos, mas que, antes, toma tais assuntos e os mostram aos alunos com uma lente que filtra, organiza, seleciona e regula os conhecimentos produzindo modos particulares de agir e pensar pela constituição e delineamento de uma determinada forma de existência.

Local do estudo e modo de fazer a pesquisa

A população onde se insere a escola analisada é uma mistura de açorianos, alemães e italianos que moram em uma pequena localidade rural (com cerca de mil moradores) no extremo norte do Rio Grande do Sul. Essa comunidade foi se organizando no início do século XVIII com valores morais e costumes cristãos derivados da Europa e, assim, igreja-escola-família mantiveram vivos a ancestralidade de costumes da região. Assim como a tradição cultural herdada, os traços fenotípicos (olhos azuis, cabelos loiros e pele branca avermelhada) e o pequeno número de sobrenomes assinala o isolamento da população. A localidade onde se insere a escola não tem sinal de *internet* móvel: a conexão com o mundo se dá por *wi-fi* – disponível apenas através do sinal da escola, ou por meio de telefone fixo, também da escola.

De março a setembro de 2017, passamos a visitar a escola com regularidade – uma ou duas vezes por semana, durante toda a manhã e/ou tarde, o que tornou nossa presença corriqueira, para acompanhar as aulas de todas as turmas e disciplinas. A escola tem aproximadamente 90 alunos e um total de treze funcionárias mulheres (nove professoras, uma diretora e uma vice-diretora, uma merendeira e uma servente). É uma escola do campo com turmas multisseriadas, o que significa que o ensino é ministrado, na mesma sala de aula, para várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente. Essa escola é uma instituição pública

¹ Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

que, apesar de pertencer a um Estado laico, mostra-se confessional, uma vez que o ensino está balizado por valores cristãos que sobrepujam visões ateístas ou de religiões mais incipientes na esfera sócio-política.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (seis questões que abordaram a constituição do currículo) com cinco professoras e quatro alunos que aceitaram conversar, sob Consentimento Livre e Esclarecido, com a gravação de suas falas. Os registros foram realizados privadamente, na sala dos professores, em horários com menos barulho e que interferissem o menos possível nas atividades dos entrevistados. Todos os tipos de registros mantiveram o anonimato dos componentes do corpo escolar.

O estudo, de cunho etnográfico, demandou um pertencimento ao local – o que implica discrição –, mas também uma “homocromia” em relação ao espaço, isto é, não ser saliente demais e nem estranha demais ao corpo escolar. O modo de fazer a pesquisa se aproxima à bricolagem (LÉVI-STRAUSS, 1989), um modo de investigação que, sem instrumentos profissionais e sem roteiros preexistentes, recolhe e coleciona fragmentos heteróclitos de sígnos, cujo conjunto forma algo diferente do que se fossem considerados individualmente. É um processo de colecionar pequenos registros (por meio da fotografia, anotações em caderno de campo, entrevistas e imersão no campo de estudo), mesmo que num primeiro momento sejam consideradas sem sentido. Então, um conjunto de objetos, palavras, sujeitos, arquiteturas etc. foi conformando uma nuvem heterogênea de elementos que se encaixaram uns nos outros, cujo movimento construiu os sentidos que fomos atribuindo à constituição do currículo da escola referida.

Engrenagem

A tecnologia constituída por múltiplas práticas articuladas em que os indivíduos efetuam por conta própria e/ou com ajuda dos outros o exame e a avaliação dos próprios pensamentos e condutas para transformarem-se/corrigirem-se como atitude ascética são engrenagens de uma maquinaria movida pelo *poder pastoral* – conceito cunhado por Foucault (2008). Essa tecnologia constrói uma forma de subjetivação moral, um processo em que os indivíduos observam-se, analisam-se, comparam-se uns aos outros e experienciam-se a si como sujeitos que, rotineiramente, olham/falam/ouvem Jesus, crucifixo, padre etc.

A engrenagem oferece condições para que cada indivíduo do corpo escolar elabore a si mesmo dentro de um jogo repetitivo com inúmeros e minuciosos procedimentos – técnicas heterogêneas de construção, modulação e experiência de si – que convoca os indivíduos a examinarem-se e transformarem-se a partir de certos valores ético/estéticos cristãos.

A seguir, mostramos um exemplo de como as professoras se preocupam com uma das ovelhas errantes que resistira ao ensino filtrado pela ótica religiosa. Nessa entrevista com a professora que ministra aulas para a turma multisseriada de 4º/5º anos, vemos que alguns temas próprios das ciências naturais são abraçados também pela ótica religiosa que, com suas técnicas convoca os indivíduos a questionarem, fiscalizarem, espreitarem, vigiarem a si e aos outros balizados pela moral cristã.

Lá no nono ano nós tivemos um aluno, o M*, aquele... Ele não gosta... Agora eu não sei como ele tá, mas ele não gostava que falava de Deus, [...] eu fui professora dele, né, aí eu sempre dizia pra ele, eu, eu só digo assim, eu dizia pra ele assim, M*: ‘eu não quero nem saber em quem tu acredita, eu só sei que na hora que tu precisar tu vai apelar por esse Ser’. Porque tudo eu dizia assim: ‘ah... Agradece a Deus...’ [e o M* respondia:] ‘que agradece a Deus, professora! Quem comprou foi o meu pai com o trabalho dele!’... [e

eu respondia:] ‘Tudo bem, *mas quem é que deu saúde pro pai?* [...] Assim, a gente sente que, ao mesmo tempo em que ele se dizia ateu, mas em algum momento tu via *alguma coisa assim nele*, que ele se apegava em *[A]lguém*,... mesmo com aquela história que ele contava do... ai, como é que é,... [pausa] do científico,... Do Big... Do Big Bang!... Ele contou com toda clareza aquilo, sabe? Ele deu uma aula sobre ciência pra gente! Então, assim, ó, e o pai dele é assim também, então a gente sabe que embora a mãe e a avó quis que ele fizesse a primeira comunhão, que ele fosse à catequese, entendeu? A vó quis... Pelo pai ele não faria, porque o pai também pensa assim, então a *culpa* não é toda dele, né, eu sempre digo assim, ó, os nossos alunos são o que eles são em casa, e eu tenho crianças que em casa não obedecem e aqui eles obedecem, são outras crianças aqui na escola. Porque aqui eles sabem e eu sempre digo, aqui na sala quem manda sou eu. Se lá tu faz o que tu quer, problema é teu, do teu pai. Agora aqui na sala tu vai ter que me obedecer (Diário de campo, junho/2017).

A circunstância acima descrita mostra aquilo que deve (e o que não deve) ser dito pelo educando, e mostra como a professora é parte de um corpo institucionalizado que move ações e palavras em consonância com a ótica religiosa. Essa situação não é única dessa escola, pois segundo Santos et al (2017), temas como origem do universo, origem da vida, evolução das espécies, reprodução e sexualidade são abordados em escolas não apenas pela ciência, mas também pela ótica religiosa, o que dificulta o desenvolvimento do pensamento científico.

O cristianismo que transborda nas falas de professoras e educandos se pulveriza também em todo o espaço escolar em uma rede composta por elementos dispostos em profusão (como crucifixos e quadros de parede com imagens de Jesus Cristo, orações, sinal da cruz, confissão, presença do padre, filmes religiosos, parceria da escola com a igreja em atividades diversas, frases cristãs escritas nas paredes ou em cartazes, igreja/cemitério, cantorias, palavras, sons e documentos).

Em conversa com outra professora, que ministra aulas de Ciências e também de Ensino Religioso (ER), ela relatou seu interesse por questões educacionais ligadas a construção de um “eu” capaz de discernir o bem do mal, o certo do errado, isto é, uma preocupação moral. Para ela, é imprescindível conhecer-se a si mesmo, corrigir-se, entalhar-se para retirar os erros daquilo que é a essência, o bem, a verdade. Ela relatou que, embora reconheça a existência de alunos não cristãos na escola, desconhece informações atinentes a cada uma das religiões não cristãs, e, somente durante nossa conversa é que passou a pensar na possibilidade de desenvolver, nas aulas de ER, debate sobre outras religiões não cristãs.

A disputa entre a discursividade religiosa e científica, na escola, se mostra também na escolha por materiais (livros, palestras, vídeos, documentários etc.) que, didaticamente, ensinam ciências e biologia sob ótica religiosa. Em uma das aulas de Ensino Religioso, o filme “*Deus não está morto*”² foi passado para as séries finais do ensino fundamental. Esse filme glorifica o cristianismo, mostrando ateus e pessoas de outras religiões como arrogantes e nocivas à constituição de sujeitos bons, enquanto os personagens cristãos como sendo serenos, simpáticos e humildes. Algumas passagens do filme foram aqui transcritas para destacar enunciações cristãs que circulam dentro da escola:

O universo sempre existiu. Por 2500 anos a Bíblia esteve certa e a ciência esteve errada./ Eu vejo Jesus como meu amigo. É filho de Deus. Não quero decepcioná-lo./ Fez você a imagem e semelhança Dele, o que significa que Ele gosta de você./ Para os cristãos, o ponto fixo da *moralidade*, o que constitui o certo e o errado, é uma linha reta que leva direto a Deus./

² DEUS não está morto. Direção de Harold Cronk. EUA: Graça Filmes, 2014. 1 DVD (113min.).

Precisamos um Deus para sermos morais, a moral ateuista é uma impossibilidade./ Deus dá um manual de instrução que é de onde tiramos nossa força, onde encontramos a esperança.

As enunciações trazidas no filme estabelecem ressonância nessa instituição que necessita do cristianismo para orientar o comportamento dos escolares. Vimos que os estudantes são convocados a confeccionar cartazes, desenhos e textos com apelos cristãos, e tais trabalhos que, por vezes “decoram” as paredes, são efeitos concernentes a uma tecnologia pedagógica produtora de subjetividade religiosa. Tal processo, engendrado pela moral cristã, vai se conformando com/em mensagens cristãs pulverizadas no espaço (nas paredes com palavras ou frases de chamadas a homenagens religiosas cristãs ou frases de efeito moral) em vocabulário escolar/cristão que, eventualmente, se misturam. Tudo isso não resulta estranho que os alguns alunos das séries finais do ensino fundamental dessa escola costumem usar camisetas com figuras de Jesus Cristo, cruz e dizeres com mensagens cristãs, que são aceitas pela escola como substitutas do uniforme escolar oficial (aquele que contém o nome da instituição).

Tais práticas construtoras de hierarquização de valores sobre o mundo e sobre si mesmo implica a presença de um líder espiritual – que ora são as professoras, ora é o padre que aparece com regularidade na escola, sempre convidado pela Direção para dar palestras e aconselhamentos:

O recreio havia acabado. “Já bateu o sinal”, vocês não ouviram? O *padre* já está esperando”, diziam atordoadas as professoras. Entramos na pequena sala onde ele teria apenas 45 minutos para cantar, tocar violão e falar da Páscoa, de Meio Ambiente, *de fé e de como ser um bom ser humano*. Explicou que *há duas coisas aos quais os humanos são escravos*. Perguntou quais eram e um menina arriscou: “*Jesus?*” O padre, aflito, depressa corrigiu: “*pecar e morrer*”. Perguntou, então, o que é pecar. Um dos meninos disse: “é a internet?” Outro disse: “são os jogos, os ‘games’?” O padre continuou falando, dessa vez sobre *a importância da escola em conscientizar sobre como ser um bom cidadão para que o mundo possa ser salvo*. (Diário de campo, 06/04/2017).

Outro elemento observado que trazemos como exemplo é o ritual da reza no início da aula. Em entrevista com a professora da turma que contempla alunos de quatro e cinco anos de idade, ela mencionou a importância de iniciar os trabalhos da tarde convidando seus alunos a “ficarem em silêncio e pedirem a proteção de Deus, para assegurar o bem estar, a paz e a tranquilidade da escola e da família”. A professora alega não se tratar de ritual ligado a alguma religião específica, mas apenas um “momento de reflexão para despertar bons costumes”. Todos os alunos da turma reduzem seus movimentos corporais, fecham os olhos, juntam ambas as mãos para orar, ouvem apenas a voz da professora que faz a oração em voz mais lenta, amorosa e tranquilizadora. Os alunos, segundo ela, ficam mais calmos, disciplinados e prontos para começarem suas atividades de escrita no caderno.

Currículo aberto

Mas, afinal, qual o problema de um currículo fabricante de uma subjetividade religiosa?

O problema é que um currículo permeado por elementos de apenas uma matriz religiosa se constitui como eixo construtor que interdita o fluxo de outras possibilidades combinatórias discursivas construtoras de si. Então, entendendo que as religiões são sistemas que “extrapolam o rezar, orar, adorar, cultuar, mas espalham-se para os detalhes da vida cotidiana e dão sentido aos que creem nesse modo de existência” (FISCHMANN, 2008, p. 47), vemos que suas regras morais são parte do currículo escolar e, dessa forma, ensinam os modos

“corretos” de pensar e agir dos educandos e educadores. O problema de a escola estar balizada, tão fortemente, por apenas um referencial moral é que ela se fecha em si mesma trancada em tradições ou dogmas religiosos.

Considerações finais

O que vimos foi que a verdade legitimada é aquela que passa sob o crivo da moral cristã, para que, assim, os alunos exercitem a construção de um modo de julgar, classificar, nomear, hierarquizar as informações do mundo balizadas pelos valores morais cristãos.

Na medida em que os processos de subjetivação constroem quais os modos possíveis de se constituir aluno – destacamos nosso estranhamento e resistência em relação ao modo confessional de ensino dessa escola que se estende, como já mostrado, para além do componente curricular de ensino religioso. Entendemos que a importância da instituição escolar é a de constituir-se como um espaço permanentemente aberto a diferentes combinações discursivas que fomentem o ato de pensar e que, por sua vez, desestabilize as verdades cunhadas na tradição, no dogma e na igualdade.

Assim, sendo uma instituição pública, interessante seria que a escola produzisse (e fosse produzida por) um currículo aberto aos diversos debates da atualidade sem que tais discussões fossem circunscritos por uma unicidade de valores morais no/para o universo público, principalmente, em um momento histórico atual em que discussões conservadoras em temas como aborto, sexualidade, gênero, relações homoafetivas, direitos sexuais e reprodutivos e seus desdobramentos em temas de saúde pública compõem aspectos dos mais sensíveis a demonstrar a relevância da laicidade do Estado e, portanto, tais assuntos não devem ser escrutinados na escola sob apenas uma lente analítica.

Referências

- FISCHMANN, Roseli. Ciência, tolerância e Estado laico. **Ciência e Cultura**, v.60 n.sp1, p.42-50, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Martins Fontes: São Paulo, 2008.
- GIUMBELLI, Emerson. **Símbolos religiosos em controvérsias**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- SANTOS, Alessandra Guida dos; VALENÇA, Cristiana Rosa; FALCÃO, Eliana Brígida Moraes. Ensino religioso nas igrejas, ensino de ciências nas escolas: análise das representações de estudantes em duas escolas públicas. **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.